Aula 5 • Unidade 1

Os Limites do Modelo Centrado em Diagnóstico

Ricardo Wainer

GRUPOWAINER PSICOLOGIA

Pós-Graduação

Por que comorbidade e heterogeneidade desafiam os protocolos

1

Comorbidade como regra clínica

A maioria dos pacientes preenchem critérios para mais de um quadro

2

Heterogeneidade dentro do diagnóstico

O mesmo rótulo agrupa sintomas muito diferentes

3

Variabilidade na resposta

O mesmo protocolo funciona de formas distintas entre pacientes

Por que pacientes reais desafiam categorias diagnósticas

Quanto mais os protocolos por diagnóstico se disseminaram, mais evidente ficou um problema: pacientes reais raramente se encaixam em uma única categoria diagnóstica.

Por isso a importância de se analisar como comorbidade, heterogeneidade clínica e variabilidade individual que expõem os limites do modelo protocolar centrado em diagnóstico.

O que a prática clínica real revela sobre os protocolos



Comorbidade

A maioria dos pacientes preenche critérios para mais de um transtorno

Heterogeneidade

O mesmo diagnóstico agrupa sintomas e causas muito diferentes

Variabilidade

O mesmo protocolo produz respostas distintas entre pacientes

Por que cada um deles desafia o modelo protocolar

- **Comorbidade como regra**

  Diante de comorbidade, não fica claro qual diagnóstico o terapeuta deveria priorizar ao escolher um único protocolo de tratamento.

- **Heterogeneidade clínica**

  Dois pacientes com o mesmo diagnóstico podem ter sintomas, causas e cursos completamente diferentes, exigindo respostas terapêuticas distintas.

- **Variabilidade individual**

  O mesmo protocolo, aplicado com fidelidade, pode funcionar muito bem para um paciente e falhar completamente para outro.

Onde a prática clínica real desafia os protocolos

Comorbidade
A maioria dos pacientes preenche critérios para mais de um transtorno

Heterogeneidade clínica
O mesmo diagnóstico agrupa sintomas e cursos muito diferentes

Variabilidade individual
O mesmo protocolo produz respostas distintas entre pacientes

Rigidez de sequência
Protocolos fixos dificultam ajustes quando o caso foge do esperado

Casos complexos
Comorbidade e complexidade dificultam escolher qual protocolo aplicar

O que os protocolos assumem — e o que os dados mostram

Suposto pelo Protocolo

Cada transtorno é uma categoria discreta • Um protocolo trata um diagnóstico principal • Comorbidade é exceção a resolver depois

O Que os Dados Mostram

Sintomas se sobrepõem entre diagnósticos • Pacientes cumprem critérios para vários transtornos • Redes de sintomas conectam diferentes quadros

Quando mais de um diagnóstico coexiste



Comorbidade é a presença simultânea de dois ou mais transtornos em uma mesma pessoa — uma situação tão comum na prática clínica real que dificilmente pode ser tratada como exceção.

Um paciente com transtorno de ansiedade generalizada frequentemente também preenche critérios para depressão maior.

Quando o mesmo rótulo esconde quadros diferentes

Heterogeneidade clínica descreve como pacientes com o mesmo diagnóstico podem apresentar sintomas, gravidade e curso muito diferentes entre si, apesar de compartilharem o mesmo rótulo.

Dois pacientes com depressão maior podem ter perfis de sintomas quase opostos: um com insônia e agitação, outro com sono e apatia excessivos.



O que acontece quando esses limites aparecem em sessão

Qual Protocolo Usar?

Diante de comorbidade, não fica claro qual diagnóstico priorizar

Resultado Inconsistente

O mesmo protocolo funciona bem para um paciente e falha para outro

Ajustes Difíceis

Protocolos fixos dificultam mudanças de rota durante o tratamento

Novo Modelo Necessário

Esses limites abrem espaço para abordagens centradas em processos

Como a comorbidade desafia a escolha de um único protocolo

Uma paciente chega com sintomas de ansiedade, humor deprimido e uso problemático de álcool. Nenhum protocolo isolado, pensado para um único diagnóstico, cobre a totalidade do que ela apresenta.

- Os três quadros clínicos se sobrepõem e se influenciam mutuamente
- Escolher um único protocolo deixaria de fora processos importantes
- Uma abordagem centrada em processos permite tratar o quadro como um todo

Síntese

- ✓ Comorbidade é a regra clínica, não a exceção prevista pelos protocolos
- ✓ Heterogeneidade e variabilidade individual desafiam tratamentos fixos
- ✓ Esses limites não invalidam o modelo protocolar, mas mostram sua insuficiência
- ✓ Esses limites abrem caminho para os modelos transdiagnósticos e a TBP

Leituras fundamentais desta aula

Borsboom, D., & Cramer, A. O. J. (2013). Network analysis: An integrative approach to the structure of psychopathology. Annual Review of Clinical Psychology, 9, 91–121.

Insel, T. et al. (2010). Research domain criteria (RDoC): Toward a new classification framework for research on mental disorders. American Journal of Psychiatry, 167(7), 748–751.

Hayes, S. C., Hofmann, S. G., & Stanton, C. E. (2019). The role of the individual in the coming era of process-based therapy. Behaviour Research and Therapy, 117, 40–53.

Hayes, S. C., Hofmann, S. G., & Wilson, K. G. (2021). Clinical implications of a process-based approach. Behavior Therapy, 52(2), 329–344.

GRUPOWAINER PSICOLOGIA

Pós-Graduação

Muito Obrigado(a)!

@wainerpsicologia
@congresso wainer